

Setúbal Arqueológica  
vol. 20



# O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017



# O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

## Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017

Coordenação  
Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares



# Setúbal Arqueológica

Vol. 20 | 2021

<b>Propriedade</b>	MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ /Associação de Municípios da Região de Setúbal
<b>Direcção</b>	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
<b>Coordenação do volume</b>	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
<b>Capa</b>	Ana Castela
<b>Desenho de campo</b>	David Jesus, Jorge Feio, Jorge Costa <sup>†</sup> , Júlio Costa e Teresa Rita Pereira
<b>Desenho de materiais</b>	Françoise Mayet, Inês Conde, João Pimenta e Teresa Rita Pereira
<b>Mapas</b>	Paula Covas
<b>Fotografia</b>	Arquivo MAEDS, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Rosa Nunes
<b>Inventário</b>	Fernanda Fino, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte e Virgínia Ajuda
<b>Restauro</b>	Paula Palmeira
<b>Paginação e artes finais</b>	Ana Castela e Paula Covas
<b>Impressão</b>	Tipografia Belgráfica Lda.

**Informações e permutas** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029  
E-mail: [maeds@amrs.pt](mailto:maeds@amrs.pt)  
Site: <http://maeds.amrs.pt/>  
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

**ISSN** 0872-3451

**Depósito Legal** 494630/22

**Copyright**® Setúbal Arqueológica e autores, 2021  
Todos os direitos reservados. Este livro ficará disponível em  
*open access*: <http://maeds.amrs.pt/setubalarqueologica.html>

## LISTA DE AUTORES

### **Adriana Leite**

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)  
<https://orcid.org/0000-0001-6721-743X>

### **Ana Elisabete Pires**

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.  
[ana.elisabete.pires@gmail.com](mailto:ana.elisabete.pires@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1118-8569>

### **Anders Götherström**

Centre for Palaeogenetics, Stockholm University, Sweden.  
<https://orcid.org/0000-0001-8579-1304>

### **Antónia Coelho-Soares**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.  
[antonia.c.soares@gmail.com](mailto:antonia.c.soares@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-6361-7062>

### **Carlos Tavares da Silva**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[ctavaressilva@gmail.com](mailto:ctavaressilva@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

### **Catarina Ginja**

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.  
[catarinaginja@cibio.up.pt](mailto:catarinaginja@cibio.up.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-2278-7089>

### **Cleia Detry**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[cleiadetry@campus.ul.pt](mailto:cleiadetry@campus.ul.pt)  
<https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

### **Elisa de Sousa**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[e.sousa@campus.ul.pt](mailto:e.sousa@campus.ul.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

### **João Pimenta**

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[joao.marques@cm-vfxira.pt](mailto:joao.marques@cm-vfxira.pt)  
<https://orcid.org/0000-0001-5149-5566>

### **Joaquina Soares**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[joaquinasoares1@gmail.com](mailto:joaquinasoares1@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

### **José Antonio Correa Rodríguez**

Catedrático Emérito de la Universidad de Sevilla  
[jacorrea@us.es](mailto:jacorrea@us.es)

### **Maria Leonor Ferreira**

Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.  
<https://orcid.org/0000-0002-5991-4101>

### **Noé Conejo**

Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla  
[nconejo@us.es](mailto:nconejo@us.es)  
<https://orcid.org/0000-0002-4367-5695>

### **Ricardo Miguel Godinho**

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)  
<https://orcid.org/0000-0003-0107-9577>

### **Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli**

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.  
<https://www.cienciavtae.pt/portal/FE19-D7B4-3750>

### **Silvia Valenzuela-Lamas**

Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Institució Milà i Fontanals, Archaeology of Social Dynamics, Barcelona, Spain.  
<https://orcid.org/0000-0001-9886-0372>

### **Susana Duarte**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.  
[cea.maeds@amrs.pt](mailto:cea.maeds@amrs.pt)  
<https://orcid.org/0000-0001-6071-9680>

### **Susana Estrela**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[estrela.susana@gmail.com](mailto:estrela.susana@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1303-0829>

### **Teresa Rita Pereira**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[t.pereira.maeds@amrs.pt](mailto:t.pereira.maeds@amrs.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-2764-7210>

### **Vincenzo Soria**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[vinso84@hotmail.it](mailto:vinso84@hotmail.it)  
<https://orcid.org/0000-0002-2891-6681>



## ÍNDICE

- 9 O SÍTIO, A PAISAGEM, OS ECOFACTOS...**
- 11 I. Introdução**  
Joaquina Soares  
Carlos Tavares da Silva
- 27 II. Chibanes. As campanhas de 1996-2017 e a periodização da ocupação humana**  
Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares  
Antónia Coelho-Soares  
Susana Duarte  
Teresa Rita Pereira
- 45 III. Chibanes. Organização do espaço edificado durante a Idade do Ferro e o Período Romano Republicano**  
Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares  
Susana Duarte
- 65 IV. Contextos antropológicos do Castro de Chibanes**  
Ricardo Miguel Godinho  
Adriana Leite
- 73 V. Enterramentos infantis em espaço residencial**  
Joaquina Soares  
Susana Duarte
- 77 VI. O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (Palmela, Portugal)**  
Cleia Detry  
Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares
- 87 VII. Genomic analysis of cattle from the Roman Republican fortification of Chibanes, Palmela, Portugal**  
Maria Leonor Ferreira  
Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli  
Joaquina Soares  
Carlos Tavares da Silva  
Cleia Detry  
Silvia Valenzuela-Lamas  
Anders Götherström  
Ana Elisabete Pires  
Catarina Ginja
- 103 CULTURA MATERIAL: CERÂMICA**
- 105 VIII. As taças helenísticas com decoração a molde**  
Elisa de Sousa

- 109 IX. A cerâmica tipo Kuass  
Elisa de Sousa
- 113 X. Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico e imitações de Chibanes  
Vincenzo Soria
- 121 XI. Chibanes. Cerâmica de paredes finas  
Antónia Coelho-Soares
- 131 XII. A cerâmica cinzenta  
Elisa de Sousa
- 149 XIII. A cerâmica comum  
Elisa de Sousa  
Teresa Rita Pereira
- 229 XIV. As ânforas de Chibanes  
João Pimenta
- 279 XV. Fiação, tecelagem e costura  
Teresa Rita Pereira  
Joaquina Soares  
Carlos Tavares da Silva
- 293 XVI. Signos epigráficos en Chibanes (Palmela)  
José Antonio Correa Rodríguez
- 303 METAIS, NUMISMAS E ADORNOS**
- 305 XVII. Os artefactos metálicos  
Teresa Rita Pereira
- 347 XVIII. Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C.  
Noé Conejo
- 357 XIX. Adornos de Chibanes  
Susana Estrela
- 377 INTEGRAR E CONCLUIR**
- 379 XX. Cultura material e sociedade: as conclusões possíveis  
Joaquina Soares  
Carlos Tavares da Silva

# O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (Palmela, Portugal)

Cleia Detry\*

Carlos Tavares da Silva\*\*

Joaquina Soares\*\*\*

## Introdução

Na continuação dos estudos de fauna realizados sobre os materiais recuperados no Castro de Chibanes este estudo completa a análise das várias cronologias de ocupação do sítio que foi habitado desde o Calcolítico ao séc. I a.C.. Tendo os restos faunísticos de Chibanes do período Calcolítico sido estudados por Pereira, Soares e Tavares da Silva (2017) e do período Romano Republicano por Detry, Tavares da Silva e Soares (2017).

O conjunto faunístico recuperado nos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes apresentam um conjunto relativamente numeroso de restos de vertebrados, dominado pelas espécies domésticas como o porco, cabra, ovelha e vaca. Com algum recurso a caça de grande e pequeno porte, casos do veado, coelho e perdiz.

Os invertebrados são, pelo contrário, escassos neste conjunto, com a presença de restos de bivalves e gastrópodes terrestres. Os resultados mostram assim alguma continuidade pelo período Romano Republicano no uso das espécies domésticas, mas uma certa descontinuidade no uso das espécies de invertebrados e de mamíferos selvagens. Parece ser a fase de ocupação com maior uso de animais domésticos e menor dependência de recursos selvagens. Este tipo de resultados é concordante com outros da mesma época, mostrando que, provavelmente, alterações culturais e ambientais podem ter afectado igualmente sítios da mesma região (Fig. 1).

## Contextos

No quadro da periodização da ocupação humana de Chibanes, a Idade do Ferro corresponde à Fase II, ou Chibanes II, sendo a Fase I do Calcolítico e Bronze antigo e a Fase III, do período Romano Republicano.

A Fase II, atribuível aos séculos III-II a.C., corresponde a um Ferro final provavelmente coevo ou subcontemporâneo dos primeiros momentos da ocupação romana da Península Ibérica, na conjuntura geopolítica da Segunda Guerra Púnica. A longevidade daquela ocupação foi curta e a escavação incidiu sobre área mais restrita que a do período Romano Republicano.

Nos *loci* sidéricos melhor conservados foi possível distinguir dois horizontes de ocupação. Nos sectores ocidentais do castro, a presença sidérica, de carácter essencialmente doméstico, está representada pela C.4, por vezes subdividida em C.4A (fase de abandono), C.4B (piso de habitat), C.4C (derrubes, em geral de adobes), C.4D (pavimento) e C.4E (depósito de enchimento e regularização, assente sobre paleossolo que separa o estrato da Idade do Ferro da sequência estratigráfica do 3º milénio cal BC). Porém, nos *loci* H7 e P10, também da zona ocidental, as camadas de ocupação da Idade do Ferro correspondem às C.3A-3E e à C.3B, respectivamente. Os restos faunísticos são provenientes dos ambientes domésticos até agora escavados (Fig. 1), sem contextos específicos de lixeira, e, como tal, sujeitos, regra geral, a intenso pisoteamento, ao contrário da maior parte da amostra romano-republicana

\* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ. cleiadetry@campus.ul.pt | <https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

\*\* MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ. ctavaressilva@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

\*\*\* MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ. joaquinasoares1@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>



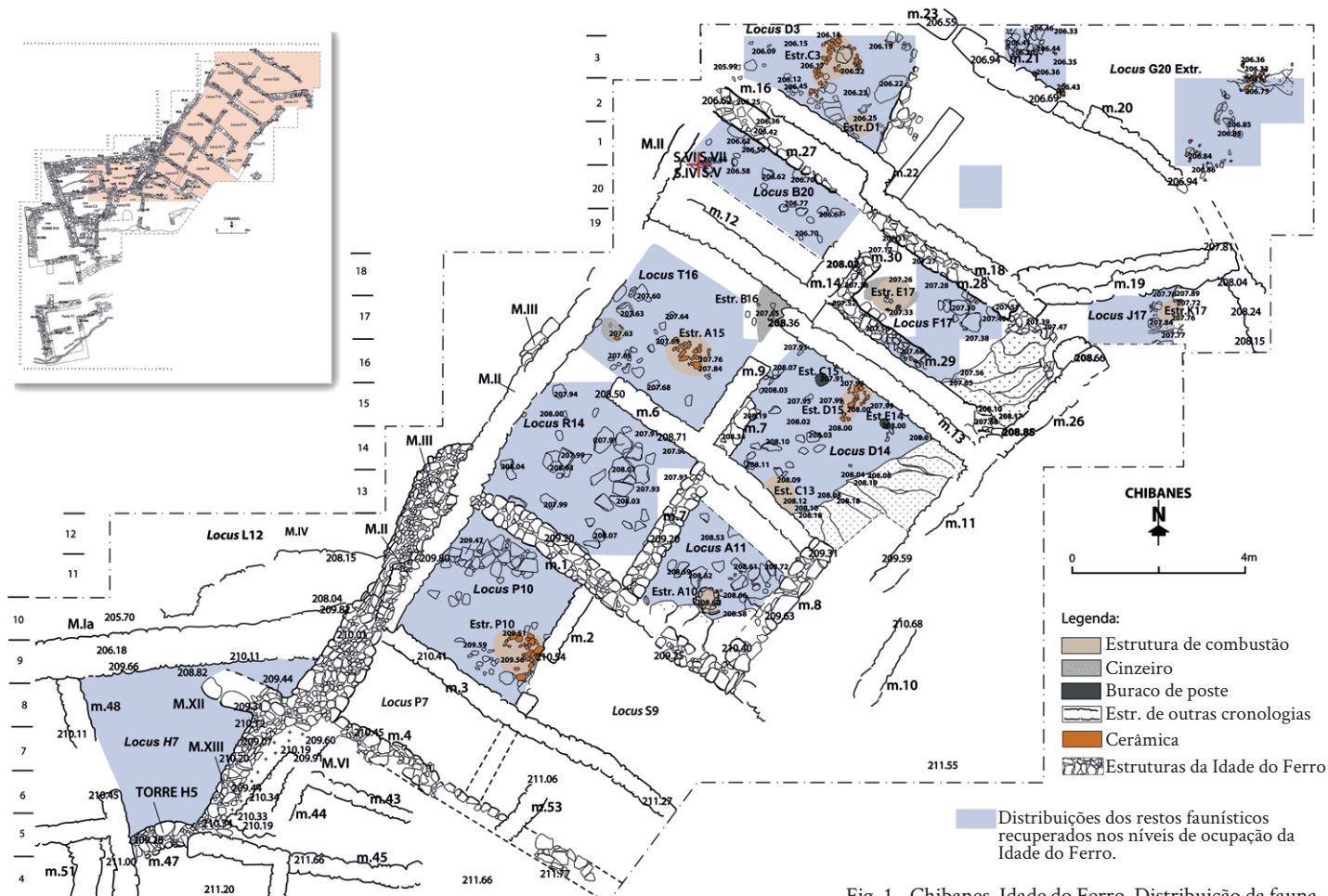


Fig. 1 - Chibanes. Idade do Ferro. Distribuição da fauna.

anteriormente estudada (Detry, Tavares da Silva e Soares, 2017); os artefactos associados eram sobretudo fragmentos de recipientes cerâmicos de cozinha/mesa e anfóricos. A amostra faunística agora estudada deverá ser interpretada como expressão qualitativamente representativa, mas numericamente reduzida, do consumo de carne (face à limpeza mais ou menos regular dos espaços habitacionais).

No que concerne à arquitectura, a ocupação da Idade do Ferro revelou uma muralha guarnecida por bastiões semi-circulares, que defendia as encostas norte e noroeste. Ao longo dessa muralha, no espaço intramuros, foram construídos edifícios de planta rectangular, geminados, com muros de embaçamento pétreo e parte superior de adobes ou taipa. Os pavimentos eram de argila compactada, estruturada por lajes de calcarenito, em geral dispersas. Cada compartimento possuía uma ou mais lareiras (não necessariamente de uso com comitante) distribuídas por dois tipos: as mais frequentes, planas e subcirculares, constituídas por grandes fragmentos de recipientes cerâmicos dispostos horizontalmente

e cobertos por capas de argila; raramente, em *cuvette* pouco profunda, por vezes circundada por pequenos blocos pétreos. A cobertura das construções, muito provavelmente de uma única água, acompanhando o declive topográfico, seria constituída por materiais de natureza vegetal.

## Metodologia

Foi realizado inventário completo dos materiais faunísticos recuperados nos níveis da Idade do Ferro do Castro Chibanes. Estes restos foram, sempre que possível, identificados ao nível da espécie, género ou família e a metodologia utilizada foi idêntica à utilizada para os níveis republicanos definidas em Detry, Tavares da Silva e Soares (2017). Os fragmentos sem identificação taxonómica foram categorizados por tamanho: macrofauna (porte de vaca, veado ou cavalo), mesofauna (porte de ovelha, cabra, porco) e microfauna (coelho/lebre, rato, anfíbios). Os restantes, sem características que permitissem categorizar o tamanho, foram registados como indeterminados.

Registaram-se os invertebrados quando estava presente apenas um fragmento, a charneira (bivalves) ou abertura da concha (gastropodes). Nos vertebrados foram registados ainda o osso (ex.: úmero, fémur, astrágalo, etc.) e a parte do osso (ex.: distal, proximal, diáfise, fragmento, etc.). Nos dentes foram ainda utilizadas escalas de padrão de desgaste. Para os suídeos e gado bovino recorremos à escala Grant (1982) e, para a ovelha e cabra, à escala de Payne (1987).

Quanto à osteometria, seguiram-se os critérios definidos por Von Den Driesch (1976).

## Resultados e discussão

Registou-se um total de 2349 restos de fauna provenientes dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (ver tabela 1). Consideravelmente menos do que nas fases I e II do período Romano Republicano (Detry, Tavares da Silva e Soares, 2017) onde foram encontrados cerca de 15000 restos, um pouco mais do que nas fases anteriores de ocupação do Calcolítico (Pereira, Soares e Tavares da Silva, 2017). Estes restos, tal como nos restantes períodos, parecem ter resultado, na sua grande maioria, de desperdícios alimentares, decorrente da atividade doméstica humana. Não sendo de descartar a hipótese de factores demográficos terem contribuído para a menor dimensão da amostra agora estudada relativamente à romana republicana, outras causas como as diferentes áreas escavadas e distintas funcionalidades dos contextos de origem devem ser invocadas, como anteriormente referimos.

A principal diferença dos materiais recuperados nos níveis da Idade do Ferro é a quase ausência de restos de invertebrados. Nos períodos subsequentes os

moluscos, cefalópodes e gastrópodes estão presentes no conjunto com mais de 2000 elementos, sendo os bivalves e gastrópodes bastante abundantes, demonstrando a utilização dos recursos aquáticos disponíveis a poucos quilómetros nos estuários do Sado e Tejo.

Nos níveis do Calcolítico registaram-se mais 6000 restos de invertebrados (Coelho, 2014) pelo que é a fase com maior dependência dos recursos aquáticos.

Os poucos elementos encontrados reportam-se a três fragmentos de *Mytilus edulis* (mexilhão) e 19 de *Ruditapes decussata* (ameijoia). Um fragmento erodido de um molusco não identificado parece ser parte de um búzio, mas o pequeno tamanho e erosão acentuada não permitiram uma identificação. O único gastrópode confirmado são seis restos de pequenos gastrópodes terrestres, uma concha inteira e os restantes fragmentos. Neste caso a concha é muito frágil, sendo normal a fragmentação destes elementos. Estes pequenos gastrópodes são semelhantes a *Candidula* sp., um taxa frequente ainda hoje. Neste contexto não podemos excluir que se trate de elementos intrusivos, dada a sua escassez no conjunto arqueológico mas também porque este tipo de animais usam preferencialmente, para se esconder, estruturas húmidas e ricas em matéria orgânica. Zonas de lixeira são as zonas preferenciais para estas espécies.

É realmente de notar a ausência de exploração de recursos tão óbvios que são claramente aproveitados no Calcolítico e período Romano (Soares, 2014; Detry; Tavares da Silva, 2016a; Detry, Tavares da Silva e Soares, 2017) e medieval (Fernandes, Cardoso e Detry, 2012). Mas a ocupação da Idade do Ferro parece ser de menor amplitude na área da exploração dos recursos. Esta tendência também é notada em

Tabela 1 – Resumo dos Número de Restos pelas principais classes identificadas no Castro de Chibanes.

	Fase II - Idade do Ferro		Fase IIIA - R. Republicano		Fase IIIB - R. Republicano	
	N	%	N	%	N	%
Gastropoda	8	0,3%	772	13%	1263	13%
Bivalvia	22	0,9%	1929	33%	3240	33%
Cephalopoda	0	0,0%	1	0,02%	1	0,01%
Crustacea	0	0,0%	64	1%	161	2%
Teleostei	7	0,3%	52	1%	60	1%
Testudines	0	0,0%	1	0,02%	0	0%
Mammalia	387	16,5%	684	12%	896	9%
Aves	10	0,4%	25	0,4%	60	1%
Indeterminados	1915	81,5%	2368	40%	4088	42%
	2349		5896		9769	

Lisboa (Detry, Cardoso e Bugalhão, 2016b) em que não só as utilizações dos recursos aquáticos situados ainda mais perto não são muito aproveitadas nem as espécies selvagens, sendo a economia familiar sobretudo dependente dos animais domésticos.

A grande maioria dos restos pertence assim a vertebrados. O grupo mais pequeno apresenta apenas sete restos (menos de 1% da amostra) - os peixes, com cinco ossos não identificados e duas mandíbulas identificadas como pertencendo a sparídeos, peixes ainda hoje frequentes na baía de Setúbal. Mais uma vez os recursos aquáticos não são representativos neste contexto. Nos períodos anteriores e posteriores os peixes também não se afiguram muito mais abundantes.

As aves também se apresentam muito pouco abundantes, tal como nas restantes cronologias, com percentagens inferiores a 1%. No contexto aqui estudado contamos com apenas dez ossos identificados. Nomeadamente um úmero e dois tibiotarsos de galiforme indeterminado, um fémur e um tibiotarso de perdiz-vermelha (*Alectoris rufa*), um pequeno galiforme selvagem ainda hoje muito frequente em Portugal e apreciado na alimentação. E ainda uma ulna e um tibiotarso de anatídeo de médias dimensões, possivelmente um pato-real (*Anas cf. platyrhynchos*), muito provavelmente selvagem.

Foi ainda encontrado um osso de *Morus bassanus* (Alcatraz – Fig. 2), ainda hoje comum na costa atlântica. Sendo uma ave de grandes dimensões, pode atingir um metro de comprimento e dois metros de envergadura (Mullarney *et al.*, 2003). Esta espécie é encontrada, também em níveis sidéricos, em Castro Marim (Davis, 2007) e Monte Molião (Detry e Arruda, 2013). Também nos níveis Calcolíticos de Chibanes se encontram três elementos desta espécie (Pereira, Soares e Tavares da Silva, 2017).

A grande maioria dos elementos – 82% - foram classificados como vertebrados sem identificação taxonómica, num total de 1915 ossos (ver tabela 1). Uma percentagem mais elevada que nas fases seguintes. Este peso excessivo de vertebrados sem taxonomia deve-se sobretudo à ausência de invertebrados. Se verificarmos os dados da tabela 2, apenas com os resultados relativos aos vertebrados, observamos que não foi possível identificar uma proporção muito semelhante de restos.

Os ossos, para serem identificados ao nível da espécie, género, família ou ordem devem apresentar partes anatómicas que os permitam relacionar com características morfológicas de determinados taxa. A diáfise de ossos longos, costelas, vértebras,

na maioria bastante fragmentada, dificilmente apresenta estas características distintivas e fiáveis. Em alguns casos conseguimos classificar por tamanho, mas a maioria (34% - 782 restos) mantinha aspectos incharacterísticos e por isso foram classificados como indeterminados. Nos níveis da Idade do Ferro parece existir uma maior percentagem de indeterminados, o que pode resultar de um maior grau de erosão ou pisoteamento destes elementos. É possível ainda que tenham sofrido processos de limpeza ou destruição.

Os restos de mesofauna parecem ser mais frequentes (32%) nesta cronologia, o que pode estar de acordo com a maior percentagem de restos de porco.

Os restos de microfauna são quase insignificantes, com um único osso de possível *Mus musculus*, um rato do campo, naturalmente associado à actividade humana.

Quanto aos restos de macrofauna rondam os 15%, semelhante ao observado na primeira fase do período Romano Republicano, mas metade do identificado na segunda fase do mesmo período (ver tabela 2).

De facto, o *Bos taurus* (gado bovino) e *Cervus elaphus* (veado), duas espécies de grande porte, são menos frequentes, com apenas 35 e 18 restos respectivamente.



Fig. 2 - Rádio proximal de *Morus bassanus* (Alcatraz) recuperado nos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes.

Mesmo em relação às partes do esqueleto, no caso dos bovinos, estão sobretudo representadas partes com menos carne, como do crânio (mandíbula e dentes), metápodes e falanges, parecendo indicar que talvez a parte com maior relevância alimentar tenha sido transportada para outro sítio, dentro ou fora de Chibanes. O veado, para além de ser ainda menos frequente, apenas apresenta restos de metápodes, falanges, mas acrescenta ainda um rádio, uma escápula e uma pélvis. É ainda de notar que dos 18

restos, três pertencem a fragmentos de haste. Neste caso, estas podem ser recolhidas na natureza, provenientes de machos que largaram as hastes após a época do cio, o que acontece anualmente.

Apenas um dente inferior e um metacarpo de equídeo foi encontrado, não tendo sido possível distinguir se pertenceu a burro ou cavalo dado que a face oclusal do dente se apresentava mal preservada. Ainda que as pequenas dimensões do osso longo apontem para a espécie asinina.

Tabela 2 – Número total de restos de vertebrados por grupo taxonómico e grupos de tamanhos dos níveis da Idade do Ferro e do Período Romano Republicano do Castro de Chibanes.

	Chibanes Fase II - Idade do Ferro			Chibanes Fase IIIA - R. Republicano			Chibanes Fase IIIB - R. Republicano		
	NRD		NMI	NRD		NMI	NRD		NMI
	N	%	N	N	%	N	N	%	N
Teleostei	5	0,2%		26	0,8%		39	0,8%	
Sparidae	2	0,1%		22	0,7%		21	0,4%	
Condriichthies		0%		2	0,1%				
Myliobatis aquila		0%		2	0,1%				
Testudines		0%		1	0,03%				
<i>Bos</i> sp.	35	2%	1	52	1,7%	2	176	3,4%	6
<i>Ovis/Capra</i>	130	6%	4	250	8,0%	6	81	1,6%	6
<i>Ovis aries</i>	3	0,1%		15	0,5%		5	0,1%	
<i>Capra hircus</i>	10	0,4%		18	0,6%		20	0,4%	
<i>Sus</i> sp.	105	5%	2	137	4,4%	3	141	2,8%	4
<i>Cervus elaphus</i>	18	1%	1	70	2,2%	3	117	2,3%	2
<i>Equus</i> sp.	2	0,09%	1	1	0,03%	3	6	0,1%	1
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	83	4%	6	140	4,5%	9	345	6,8%	22
<i>Meles meles</i>		0%			0,0%		1	0,02%	1
<i>Canis lupus</i>		0%			0,0%		1	0,02%	1
<i>Rattus rattus</i>		0%		1	0,03%		1	0,02%	1
<i>Arvicola</i> sp./ <i>M. musculus</i>	1	0,04%	1	1	0,03%	1	2	0,04%	1
AVES	1	0,04%		6	0,2%		11	0,2%	
Galiformes	3	0,1%	1	2	0,1%	1	2	0,04%	1
<i>Gallus domesticus</i>	1	0,04%	1	3	0,1%	1	3	0,1%	1
<i>Alectoris rufa</i>	2	0,1%	1	12	0,4%	1	41	0,8%	3
<i>Anas</i> sp.	2	0,1%	1	2	0,1%	1	3	0,1%	1
<i>Morus bassanus</i>	1	0,04%	1						
Macrofauna	356	15%		395	12,6%		1437	28,2%	
Mesofauna	748	32%		905	28,9%		1157	22,7%	
Microfauna	29	1%		21	0,7%		33	0,6%	
Indeterminado	782	34%		1047	33,4%		1461	28,6%	
Total	2319	1		3131	1	31	5104	1	51

Em 143 ossos e dentes que pudemos classificar como Caprinae (ovelha e cabra), um calcâneo, um metacarpo e um metatarso foram classificados como *Ovis aries* e um chifre, dois úmeros, um calcâneo e duas mandíbulas classificados como *Capra hircus*. Assim parece que a cabra seria preferida na alimentação destas pessoas.

Os suídeos (*Sus sp.*) estão representados por 105 restos. Na maioria não nos foi possível distinguir com certeza se se trata de porco ou javali, mas o pequeno tamanho dos ossos parece apontar sobretudo para a espécie doméstica. Apenas um úmero e um astrágalo providenciaram medidas, em que a largura da tróclea apresentava 30,8 mm; a altura do segundo apresentava 37,8 mm, ambas compatíveis com o porco.

Tanto os suínos como os caprinos tinham a maioria do esqueleto representado neste conjunto, mostrando que seriam certamente preparados e consumidos no povoado (tabelas 3 e 4).

O terceiro grupo taxonómico mais frequente é o coelho (*Oryctolagus cuniculus*), com 83 restos, mas ainda assim com uma percentagem de restos inferior às fases subsequentes, demonstrando que a caça de coelho-bravo seria talvez menos relevante em época sidérica.

Em relação ao perfil de idades destes animais, a amostra era demasiado pequena para fornecer dados relevantes em relação ao desgaste de dentes, com poucos dentes a produzirem informação. Ao analisar-se o estado de fusão dos ossos longos é possível perceber que os ossos de bovinos se apresentavam todos fundidos com uma única excepção. Pelo contrário os suínos apresentavam 36% de ossos não fundidos e os caprinos cerca de 40%. Sendo que os suínos são apenas abatidos para obter carne, podemos pensar que a percentagem elevada de juvenis nos caprinos aponta também para o consumo da carne como a utilidade primária da ovelha e cabra neste contexto.

O veado não apresentava ossos de indivíduos juvenis e o coelho apresentava uma percentagem inferior a 1%. As pessoas teriam como foco as presas maiores com mais carne e evitariam os juvenis no contexto da actividade cinegética.

Numa última referência ainda aos bovinos foi encontrada uma falange I compatível com as medidas para auroque obtidas por Driesch e Boessneck (1976) para o Zambujal. Na Fig. 3 podemos observar uma Falange I de auroque e outra da espécie doméstica, ambas encontradas nos níveis sidéricos de Chibanes, observando-se uma clara diferença no tamanho, com a espécie selvagem muito maior. Na Fig. 4 podemos observar as medidas do comprimento

total (GLpe) e largura da articulação proximal (Bp) das mesmas falanges. As medidas de GLpe acima dos 70mm podem ser atribuídas a auroque. Assim, uma corresponde ao tamanho de um auroque e outra enquadra-se na espécie doméstica.

De facto, já Cardoso (2002) refere a sua presença nos níveis da Idade do Ferro da Sé, no centro de Lisboa. Sendo o único resto reportado para este período em Portugal, estimou-se que a espécie selvagem se teria extinguido algures na Idade do Ferro, dada a sua raridade neste período e ausência no período Romano. Esta descoberta mostra possivelmente um dos últimos auroques da Península Ibérica em Chibanes. Talvez as últimas manadas desta espécie sobreviveram nas planícies entre o Sado e o Tejo. Futuras datações directas serão necessárias para confirmar a sua cronologia.



Fig. 3 - Falange I completa de *Bos taurus* (gado bovino) à esquerda e de *Bos primigenius* (auroque) à direita, encontradas nas camadas datadas da Idade do Ferro do Castro de Chibanes.

Tabela 3 – Número de restos por partes do esqueleto dos mamíferos recuperados nos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes. B – *Bos* sp., OC – *Ovis/ Capra*, OVA – *Ovis aries*, CH – *Capra hircus*, S – *Sus* sp., CEE – *Cervus elaphus*, EQ – *Equus* sp., ORC – *Oryctolagus cuniculus*, MUS – *Mus musculus*, MAC – Macrofauna, MES – Mesofauna, MIC – Microfauna, IND – Indeterminado.

	B	OC	OVA	CH	SUS	CEE	EQ	ORC	MUS	MAC	MES	MIC	IND
<b>ESQUELETO CRANIAL</b>													
Haste/Chifre	7			1		3							
Crânio					4						37	2	1
Maxilar					5					1	4		
Mandíbula	2	2			4			3		2	4		
Dentes	12	47		6	21	3	1	8			2		
Hióide											1		
<b>ESQUELETO AXIAL</b>													
Áxis		2									1		
Costelas										35	200	7	
Esterno										1	1		
Vértebras										16	47	1	
V. Cervicais										2	7		
V. Torácicas										5	12		
V. Lombares										5	16		
V. caudal											1		
<b>MEMBRO ANTERIOR</b>													
Escápula					4	1		3		7	27		
Úmero		2		2	4			11			7		
Rádio		11			4	2		10		1	1		
Cúbito	1	3			3			7		4	1		
Capitato-Trapezóide	1												
Semi-lunar		2											
Escafóide	1												
Carpo					1								
Metacarpo		4	1		3	2	1						
<b>MEMBRO POSTERIOR</b>													
Pélvis		11			2	1		15		3	5		
Fémur		5			1			7		4	7		
Tíbia	1	8			5	1		8			4		
Fíbula					5								
Calcâneo		3	1	1	5			2					
Astrágalo	1	5			3								
Tarso	1												
Metatarso	2	2	1		7	2		9					
Metápode		3			11						2		
Falange I	2	14			6								
Falange II	2	4				3							
Falange III	2	2			7								
Ossos longos										123	311	19	
Ossos indet.										147	50		781
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>	<b>130</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>105</b>	<b>18</b>	<b>2</b>	<b>83</b>	<b>0</b>	<b>356</b>	<b>748</b>	<b>29</b>	<b>782</b>

Tabela 4 – Número de restos de dentes recuperados nos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes. B – *Bos sp.*, OC – *Ovis/Capra*, OVA – *Ovis aries*, CH – *Capra hircus*, S – *Sus sp.*, CEE – *Cervus elaphus*, EQ – *Equus sp.*, ORC – *Oryctolagus cuniculus*.

	B	OC	CH	SUS	CEE	EQ	ORC
<b>DENTES SUPERIORES</b>							
i				1			
I				2			1
C				1			
dp4	1						
PM	2	3			1		
P2		1					
P3		1					
P4					1		
M	1	23			1		
<b>DENTES INFERIORES</b>							
i		1		3			
I	2	3		1			
C				2			
dp1				1			
dp2			1	1			
dp3			2	2			
dp4		1	2	2			
PM							
P2		2					
P3	1	1		1			
P4		1					
M1			1				
M3		1					
M1/2		3		1			
M	2	2					7
DEN-FG	3	4		3		1	
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>47</b>	<b>6</b>	<b>21</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>8</b>

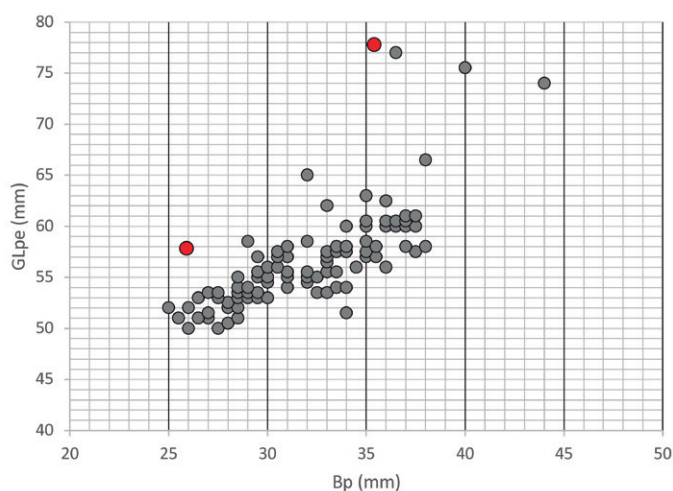


Fig. 4 - Medidas em milímetros da Falange I de *Bos sp.* recuperadas em Chibanes e datadas da Idade do Ferro. As medidas seguem os critérios de Driesch (1976): GLpe – Altura da falange, Bp – Largura da articulação proximal.

● Zambujal - Calcolítico (Driesch e Boessneck, 1977);  
● Chibanes - Idade do Ferro.

## Conclusão

O conjunto osteológico faunístico recuperado nos níveis da Idade do Ferro de Chibanes parece apresentar uma situação de dependência das espécies domésticas de médio porte como a cabra, ovelha e porco e menos em gado bovino, situação que se altera progressivamente nas fases seguintes da ocupação romana republicana. A caça de grande porte afigura-se ser uma actividade muito pouco relevante e mesmo a de pequeno porte, atestada pela presença de coelho-bravo e perdiz, é menos relevante que no período Romano Republicano.

A ocupação sidérica de Chibanes parece ser caracterizada por um ambiente de dependência de recursos alimentares de âmbito essencialmente local, com poucas movimentações regionais. Impõe-se demonstrar, por análise radiométrica, a presumível

descoberta, que seria excepcional, de um osso pertencente a um dos últimos auroques conhecidos na Península Ibérica.

## Agradecimentos

Agradecemos ao CEA do MAEDS a possibilidade de estudar este conjunto.

Este artigo decorre no âmbito do projecto BROMAN (PTDC/HAR-ARQ/4909/2020 financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e tem a UNIARQ como instituição de acolhimento.

## Referências bibliográficas

- Cardoso, J. L. (2002) - Arqueofaunas: balanço da sua investigação em Portugal. *Arqueologia e História*, 54, p. 281-298.
- Coelho, M. (2014) - A fauna malacológica da ocupação calcólica do Castro de Chibanes. *Setúbal Arqueológica-II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a Al Marques da Costa*, 15, p. 181-200.
- Davis, S. (2007) - Mammal and bird remains from the Iron age and Roman periods at Castro Marim. *Trabalhos do CIPA*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Detry, C.; Arruda, A. M. (2013) - A fauna da Idade do Ferro e Época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 15, p. 215-227.
- Detry, C.; Tavares da Silva, C. (2016a) - Estudo zooarqueológico dos restos recuperados no estabelecimento industrial romano do Creiro (Arrábida, Setúbal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, p. 235-248.
- Detry, C.; Cardoso, J. L.; Bugalhão, J. (2016b) - A alimentação em Lisboa no decurso da Idade do Ferro: resultados das escavações realizadas no núcleo arqueológico da rua dos Correiros (Lisboa, Portugal). *SPAL*, 25, p. 67-82.
- Detry, C.; Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2017) - Estudo zooarqueológico da ocupação romano-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 20, p. 113-127.
- Driesch, A. von den (1976) - *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Harvard, MA: Peabody Museum of Archaeology and Ethnology.
- Driesch, A. von den; Boessneck, J. (1976) - Die Fauna vom Castro do Zambujal. *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*. München: Deutsches Archäologisches Institut Abteilung Madrid, 5, p. 4-129.
- Fernandes, I.; Cardoso, J. L.; Detry, C. (2012) - Cozinhar e comer no Castelo Medieval de Palmela. In S. Gómez Martínez (Ed), *Memória dos sabores do Mediterrâneo*. Campo Arqueológico de Mértola / Centro de Estudos Arqueológicos de Coimbra e Porto, p. 113-128.
- Grant, A. (1982) - The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In B. Wilson, C. Grigson e S. Payne (eds.), *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. Oxford: British Archaeological Reports, p. 91-108.
- Mullarney, K.; Svensson, L.; Zetterström, D.; Grant, P. J. (2017) - *Guia de aves*. Assírio & Alvim: Lisboa, Portugal.
- Payne, S. (1987) - Reference codes for wear states in the mandibular teeth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*, 14, p. 609-614.
- Pereira, V.; Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2017) - Understanding the First Chalcolithic Communities of Estremadura: Zooarchaeology of Castro de Chibanes, Portugal. Preliminary Results. *Papers from the Institute of Archaeology*, 27, p. 1-11.



